

Last Chance to See

▽▽▽

Raro, ou Meio Raro?

traduzido por Baiji

[www.lctsbrasil.wordpress.com]

Versão 1.02

RICHARD LEWIS É UM HOMEM

que criou um método infalível para conseguir respostas rápidas para suas perguntas.

Ele dirige sua Landrover (bem, não exatamente a Landrover dele, mas a Landrover de alguém teimoso o suficiente para emprestar a sua) com o que só pode ser descrito como impetuosidade pelas estradas de Maurícios, que foram construídas sem pensarem muito em impetuosidade. As estradas são geralmente estreitas e com muito vento, e onde são asfaltadas, o asfalto tende a acabar abruptamente numa beirada de quinze centímetros. Richard dirige nessas estradas com uma impetuosidade que beira a impulsividade, e quando ele te pergunta algo ele se vira e olha para você e não olha de volta até você ter respondido-a. Pânico não é o melhor estado mental para dar respostas inteligentes, mas você tem que tentar.

Nós conseguimos escapar quando ele perguntou “Como foi o vôo?” (“Bom!”) e “Como foi a refeição?” (“Boa!”) e “Se sentindo enjoados?” (“Estamos bem!”), mas chegamos ao que ele considerava como a parte difícil, pode se dizer.

“Por que vocês vieram de tão longe para Maurícios só pra ver uma droga de morcego frugívoro?” A Landrover se desviava assustadoramente.

Uma das coisas que você precisa saber sobre Richard Lewis, que você definitivamente tem que saber sobre ele, é que ele é um ornitologista. Sabendo disso, tudo meio que se encaixa.

“Eu simplesmente não conseguia entender,” ele protestou, e se virou para nos ameaçar. “Vocês estão indo para Rodrigues? Pra procurar por um morcego frugívoro? Ele nem é realmente raro.”

“Bem, é tudo relativo,” protestou Mark. “Ele talvez não seja raro pelos padrões das Ilhas Maurícios, mas é o morcego frugívoro mais raro do mundo...”

“Pelo amor de Deus, por que vocês não ficam aqui em Maurícios?”

“Bem...”

“O que vocês sabem sobre Maurícios? Alguma coisa?”

“Bem,” eu disse, “eu sei que...er, que tem um caminhão vindo em nossa direção...”

“Esqueça os caminhões. Eu cuido deles. O que você sabe sobre os Maurícios?”

“Eu sei que foi originalmente colonizado pelos holandeses, e quando eles foram embora, foi tomada pelos franceses que perderam para os britânicos depois das Guerras Napoleônicas. Então, é uma ex-colônia britânica, parte da Comunidade das Nações. Os habitantes falam francês ou uma língua crioula. A lei é basicamente inglesa e você, err, deveria dirigir na faixa da esquerda...”

“Tudo bem, vocês fizeram o dever de casa. Mas vocês sabem dos pássaros daqui? Vocês conhecem o pombo cor-de-rosa? O periquito dos Maurícios? Vocês sabem do francelho de Maurícios?”

“Sim, mas...”

“Então porque vocês estão indo pra droga da ilha de Rodrigues pra ver um ridículo morcego frugívoro? Temos um monte deles aqui no centro de reprodução em cativeiro se vocês realmente querem ver um. Tão comuns quanto merda, esses idiotas. Seria melhor se vocês ficassem aqui e vissem algo de verdade. Meu Deus!”

Ele tinha, sem querer, dado uma olhadela na estrada à frente, e teve que girar completamente o volante para desviar do caminhão.

“Sabe de uma coisa,” disse ele, se virando de novo. “Quanto tempo vocês tem? Duas semanas?”

“Sim,” disse Mark apressadamente.

“E vocês estavam planejando passar dois dias aqui e depois voar até Rodrigues pra passar, o quê, dez dias procurando pelo morcego frugívoro mais raro do mundo?”

“Sim.”

“Okay. É isso que vocês vão fazer. Vocês ficam aqui por dez dias, e depois passam dois dias em Rodrigues. Certo?”

“Vamos encontrá-los em dois dias?”

“Sim.”

“Como você sabe?”

“Eu vou te dizer exatamente onde encontrá-los. Demora dez minutos. Tirem algumas fotos, e vão pra casa.”

“Oh.”

“Então vocês vão ficar aqui, não é?”

“Er...”

O carro cambaleava erráticamente, geralmente no meio da estrada. Outro caminhão apareceu, freneticamente acendendo e apagando suas luzes. Richard ainda estava olhando para nós.

“Concordam?” ele insistiu. “Vocês vão ficar?”

“Sim! Sim! Vamos ficar!”

“Certo. Ótimo. Eu também devia achar isso. Vocês vão conhecer o Carl, também. Ele é brilhante, mas completamente doido. Meu Deus!”

O brilhante, mas completamente doido Carl Jones, é um homem alto, lá pelos trinta anos, do País de Gales, e há quem diga que sua mente assustadoramente perversa é a principal coisa impedindo a total destruição da ecologia dos Maurícios. Foi com Carl que Mark conversou para preparar a viagem, e estava bem aparente desde o primeiro momento que pomos os pés nos Maurícios com quem não deveríamos discutir. Quando falamos para o oficial da imigração no aeroporto que estaríamos ficando com “alguém chamado Carl Jones em algum lugar chamado Black River”, a reação produzida foi a de uma desconcertante e histérica risada, e uma amigável batida nas costas. Quando conhecemos Carl na casa de Richard, ele nos cumprimentou com desdém, se inclinou na moldura da porta, e rosnou “Eu odeio pessoas da mídia.” Depois ele percebeu nosso gravador e de repente sorriu maliciosamente.

“Oh! Isso está ligado?” ele perguntou.

“Não no momento.”

“Rápido, ligue-o, ligue-o!”

Nós o ligamos.

“Eu odeio mesmo as pessoas da mídia!”, ele gritou no microfone. “Vocês pegaram isso? Acham que vai soar direito?”

Ele olhou o gravador para ter certeza que a fita estava rodando.

“Sabe, uma vez me entrevistaram no Woman’s Hour do rádio,” disse ele, balançando a cabeça se maravilhando com a estupidez de um mundo estranho e maligno. “Eu odeio pessoas da mídia, elas tomam todo o meu tempo e não me pagam muito – mas de qualquer forma... O entrevistador me disse que ele estava cansado de cientistas chatos, e que eu podia falar sobre meu trabalho, mas que eu tinha que mencionar mulheres e bebês. Então eu disse a ele que eu preferia mulheres a homens como assistentes de campo, que cuidávamos de muitos filhotes de pássaros, e que mulheres cuidavam melhor de filhotes de pássaros porque elas eram mais sensíveis e tudo o mais. E isso passou no rádio!”

Isso o deixou sem palavras, rindo, depois ele cambaleou impotente para fora da sala para não ser visto por horas.

“Esse é o Carl,” disse Richard. “Ele é demais. Ele realmente é brilhante. Estou sendo honesto. Não se preocupem com a loucura dele.”

Nós rapidamente descobrimos que estávamos no meio de um bando de pessoas apaixonadamente obcecadas. A primeira obsessão de Carl e Richard eram os pássaros. Eles os amavam com um extraordinário fervor, e tinham dedicado todas as suas vidas adultas para trabalhar no campo, geralmente em péssimas condições e com orçamentos terrivelmente baixos para salvar pássaros raros, e o hábitat onde eles vivem, da extinção. Richard tinha sido treinado nas Filipinas, tentando salvar as águias comedoras de macacos das Filipinas, um ser voador assustadoramente improvável, que você provavelmente esperaria ver indo para a terra num avião, e não fazendo um ninho numa árvore. De lá, em 1985, ele veio para os Maurícios, onde toda a ecologia de uma ilha antes famosa pela sua beleza está desesperadamente ameaçada.

Eles trabalham com tamanha que energia, que é desconcertante por um tempo, até você compreender o tamanho dos problemas que eles enfrentam, e a rapidez na qual esses problemas crescem. Ecologicamente falando, Maurícios é uma zona de guerra, e Carl e Richard e os outros – incluindo Wendy Strahm, uma botânica igualmente obcecada – são como cirurgiões trabalhando logo atrás das linhas de frente. Elas são pessoas imensamente bondosas, geralmente cansadas pelas exigências que seu trabalho os impõe. Sua impaciência geralmente emerge como um selvagem humor negro, porque, lidando com tantas coisas que são absolutamente críticas, elas não tem tempo para nada que não seja, muito, muito urgente. O ponto principal de seu trabalho é centro de reprodução em cativeiro do Carl na vila de Black River, e Richard nos levou até lá no dia seguinte.

O carro parou do lado de fora de um portão numa parede de um metro e oitenta, e entramos. Dentro, havia um grande pátio de areia, cercado por pequenas construções de madeira, grandes aviários e gaiolas. O ar era rico em sons de asas batendo, e com fortes e bruscos cheiros. Várias tartarugas grandes estavam passeando pelo centro do pátio completamente livres, provavelmente porque virtualmente qualquer pessoa poderia capturá-las antes que chegassem no portão se elas decidissem fazer uma fuga.

“Ah, vocês estão aí,” disse Richard, apontando para uma grande gaiola em um dos lados, onde parecia que alguém pendurou vários guarda-chuvas quebrados. “Morcegos frugívoros de Rodrigues. Vocês podem relaxar agora, vocês já viram eles. Olhem pra eles depois, eles são chatos. Eles não são nada comparados as outras espécies que temos aqui. Pombos cor-de-rosa, pra começar... esse lugar tem um dos mais raros e excitantes pássaros do mundo. E vocês querem ver a grande estrela? Vou ver se Carl está. Ele que devia mostrá-lo pra vocês.”

Ele nos levou a uma pequena caçada, mas Carl não estava. Porém, estava lá alguém que estava profundamente apaixonado por ele. Richard pediu que entrássemos.

“Esse é o Pink,” disse ele.

Olhamos.

Pink nos observava com seus dois grandes olhos castanhos. Ele se mexeu um pouco, se segurando em seu poleiro, parecendo tenso, esperando algo, e levemente irritado em nos ver.

“Pink é um francelho de Maurícios,” disse Richard, “mas ele é muito estranho.”

“Sério?” disse Mark. “Ele não parece.”

“O que ele parece pra vocês?”

“Bem, ele é bem pequeno. Suas asas são esguias com uma bela plumagem marrom, seu peito tem penas marrons e brancas, garras impressionantes...”

“Em outras palavras, você acha que ele se parece com um pássaro.”

“Bem, sim...”

“Ele estaria chocado se soubesse que você pensou isso.”

“O que você quer dizer?”

“Sabe, um dos problemas da reprodução de pássaros em cativeiro é que às vezes eles tem de ser chocados por humanos, o que cria todo tipo de mal entendidos nos pássaros. Quando um pássaro sai do ovo ele não tem muita noção do quê é o quê, e ele se apaixona pela primeira coisa que o alimenta, que no caso do Pink, foi o Carl. Isso se chama “cunhagem”, e é um grande problema porque você não pode desfazê-la. Uma vez que ele tenha se decidido que ele é um humano, ele...”

“Ele realmente acha que é humano?” perguntei.

“Ah, sim. Bem, se ele pensa que Carl é sua mãe, ele meio que deduz o resto, não é? Eles podem não ser geniais, mas são lógicos. Ele está convencido que é humano. Ele simplesmente ignora os outros francelhos, não tem tempo pra eles, eles são um monte de pássaros pelo o que ele sabe. Mas quando Carl passa, ele fica completamente doido. É um problema, é claro, porque você não pode introduzir um pássaro cunhado na natureza, ele não saberia o que fazer. Não faria ninhos, não caçaria, ele esperaria ser levado a restaurantes, coisas assim... Ou pelo menos, esperaria que fosse alimentado, não sobreviveria por si só.”

“Porém, ele tem uma função muito importante no aviário. Entendam, os pássaros jovens que são chocados aqui não atingem a maturidade sexual ao mesmo tempo, então quando as fêmeas começam a ficar assanhadas, os machos ainda não estão prontos pra lidar com isso. As fêmeas são maiores e mais agressivas e muitas vezes batem nos machos. Então, quando isso acontece, coletamos sêmen do Pink e...”

“Como vocês fazem isso?” perguntou Mark.

“Em um chapéu.”

“Eu ouvi você dizer em um chapéu.”

“E é isso mesmo. Carl bota um chapéu especial, que é um pouco parecido com um chapéu-coco meio estranho com uma aba de borracha, Pink fica doido pelo Carl, desce, e fode o chapéu completamente.”

“O quê?”

“Ele ejacula na aba. Coletamos a gota de sêmen e a usamos para inseminar uma fêmea.”

“Jeito estranho de tratar sua mãe.”

“Ele é um pássaro estranho. Mas serve uma função importante, mesmo sendo psicologicamente deturpado.”

Ter criado o centro de reprodução em cativeiro nos Maurícios é um dos maiores fracassos da vida do Carl. De fato, o centro é o resultado do, provavelmente, o maior e mais brilhante fracasso da sua vida.

“Eles sempre pensaram que eu ia ser um fracasso quando eu era uma criança,” ele nos disse quando ele apareceu depois, incrivelmente atrasado para algo. “Eu era um caso perdido, uma

perda de tempo. Nunca fazia nenhum dos trabalhos, não tinha interesse em nada. Bem, nada fora os animais. Ninguém da minha escola lá em Wales achava útil ser interessado somente em animais, mas eu tinha uns cinquenta, para o desespero do meu pai, em gaiolas por todo o jardim. Texugos, raposas, tourões de Gales selvagens, corujas, gaviões, araras, gralhas-de-nuca-cinzenta, todo tipo de animal. Eu até consegui, ainda como estudante, criar e reproduzir francelhos em cativeiro.”

“Meu diretor disse que era bom que eu tivesse interesse em algo, mas que eu nunca chegaria a lugar algum porque eu era um péssimo estudante. Um dia ele me chamou para a sala dele e disse, ‘Jones,’ disse ele, ‘isso é simplesmente inaceitável. Você gasta todo o seu tempo andando por aí olhando em baixo de arbustos. Você nunca estuda ou faz seus deveres de casa. Você é um fracasso. O que você vai fazer na vida?’

“Eu disse – e lembre-se que isso foi em Wales – ‘Senhor, eu quero ir para ilhas tropicais e estudar pássaros.’

“Ele disse, ‘Mas para fazer isso você tem que ser ou rico ou inteligente, e você não é nenhum dos dois.’

“Eu considerei isso como um tipo de incentivo, finalmente consegui passar em alguns exames, fui para a faculdade, e quando eu era um universitário eu fui a uma palestra em Oxford do Professor Tom Cade, que é uma autoridade mundial em falcões. Ele nos contou como eles estavam trabalhando na América com falcões peregrinos, reproduzindo em cativeiro e soltando os jovens na natureza.

“Eu não conseguia acreditar nisso. Isso era incrivelmente excitante. Aqui estavam essas pessoas, que iam à natureza e realmente faziam alguma coisa. Depois ele disse que no Oceano Índico numa ilha chamado Maurícios, havia um pássaro muito raro, talvez o falcão mais raro, chamado francelho dos Maurícios, que estava, no momento, condenado à extinção, mas que ele poderia ser salvo através de reprodução em cativeiro. E de repente percebi que tudo isso que eu fazia no meu quintal quando eu era uma criança, mexendo com pássaros, poderia ser útil para salvar toda uma espécie da extinção.

“Eu estava pasmo, e eu pensei, Deus, eu tenho que tentar fazer algo sobre isso. Então, no verão eu fui à América e estudei vários projetos lá, vi como eles trabalhavam, e prometi a mim mesmo que se eu pudesse, eu iria a Maurícios para ajudar a salvar o francelho de Maurícios.

“E eles disseram, ‘Sabe, Carl, é muito bom que você queira ir para os Maurícios, mas tem muitos problemas lá e você não pode salvar esses pássaros. Não há francelhos suficientes, só um casal e mais alguns indivíduos. E com todos os problemas locais e com a falta de equipamento e instalações, isso não pode ser feito. Há um pequeno projeto lá, mas ele vai ser fechado. Isso é jogar dinheiro e esforço fora.’

“Mas eu consegui o emprego. Meu trabalho era fechar o projeto. Foi pra isso que eu vim aqui, dez anos atrás, fechar tudo, pelo menos o que restava. Nada disso estava aqui naquela época,” ele disse, olhando o centro de reprodução em cativeiro ao seu redor, onde eles criaram mais de quarenta kestréis para re-introdução gradual à natureza, duzentos pombos cor-de-rosa, e até cem morcegos frugívoros de Rodrigues. “Eu acho que tenho de admitir,” disse ele com um sorriso maroto, “que eu sou um completo fracasso.”

Assim que terminou sua história, ele pousou sua mão no joelho, inadvertidamente dando uma olhada no próprio relógio. Imediatamente uma expressão de pânico apareceu no seu rosto, rapidamente se levantou e colocou as mãos na cabeça. Ele estava atrasado para uma reunião para angariar fundos.

Escutamos ele reclamar regular e amargamente durante nossa estada em Maurícios, dizendo que ele não era bom em administração ou em relações públicas, mas para manter seu trabalho funcionando ele tinha que passar grande parte do seu tempo se concentrando nos dois. Ele constantemente tinha que angariar fundos, justificando e provando seu uso para as pessoas que lhe dão dinheiro, e negociando com órgãos internacionais de conservação que parecem sempre estar espreitando-o. Pelo que ele sabe, isso só o impede de fazer o que ele é capaz de fazer, e ele deseja que eles simplesmente o deixem em paz para ele poder fazer seu trabalho.

Ou melhor, que lhe dêem o dinheiro e depois o deixem em paz para ele poder fazer seu trabalho. Todo esse projeto, salvar o frágil e singelo ecossistema dos Maurícios, é sustentado por um orçamento pateticamente baixo, e dinheiro – ou a falta deste – é o carrasco da vida de Carl. Ele saiu apressadamente.

“Você deve achar que todos envolvidos com conservação devem estar do mesmo lado,” disse Mark quando voltou, “mas existe tanta burocracia e besteiro como em todos os outros lugares.”

“Você que diz isso,” disse Richard. “E são sempre os trabalhadores de campo que sofrem mais com isso. Olhem para esses coelhos.”

Com um gesto de sua mão ele nos mostrou uma gaiola onde estavam alguns coelhos completamente normais que nos observavam.

“Tem uma ilha perto de nós – uma ilha muito, muito importante no quesito de vida selvagem – chamada Round Island. Em Round Island há mais espécies “exclusivas” de animais e plantas do que em qualquer outra ilha de tamanho equivalente no planeta. Há uns cem, cento e cinquenta anos atrás alguém teve a brilhante idéia de introduzir bodes e coelhos na ilha, assim se alguém naufragasse perto dela eles teriam o que comer. A população deles rapidamente ficou fora do controle, e foi lá pela metade dos anos Sessenta que eles conseguiram se livrar dos bodes. Então, alguns anos atrás, um time da Nova Zelândia veio exterminar os coelhos, até que alguém percebeu que eles estavam exterminando uma rara raça de coelho francês que não existia em mais nenhum lugar da Europa, e que deveriam ser transferidos para as Ilhas Maurício principais para serem preservados, vulgo, por nós.”

“Até onde eu sei,” prosseguiu Richard, “nós podíamos simplesmente desistir deles. Eles são só coelhos comuns. Também, um pouco depois disso alguém apareceu e disse, ‘Isso é uma grande besteira – eles nem são aquela variedade em particular.’”

“Então, temos que ficar parados, alimentando esses coelhos até que os especialistas em coelhos decidam se eles são ou não valiosos. É um desperdício do nosso tempo e da nossa verba. Entendam, alimentar todos esses animais é um problema. Todos eles precisam de algo diferente, e você tem que descobrir o que é isso.”

“Esses morcegos frugívoros de Rodrigues que vocês vieram ver, temos que alimentá-los com uma mistura de frutas com comida de cachorro reconstituída com leite. Antigamente, eles tinham uma dieta rica em banana, o que não fazia nada de bom a eles, só dava um tique nervoso.” Ele deu de ombros.

“Eu não sei o que você tem contra eles,” disse Mark, “eu acho que eles são animais incríveis.”

“Eu não tenho nada contra eles. Eles são incríveis. Mas eles são comuns, só isso.”

Mark protestou, “É o morcego frugívoro mais raro do...”

“É, mas há centenas deles,” insistiu Richard.

“Centenas significa que eles estão perigosamente ameaçados!” disse Mark.

“Você sabe quantos periquito dos Maurícios existem na natureza?” gritou Richard, “Quinze! Isso é raro. Centenas, isso é comum. Quando você vem para Maurícios e vê como as coisas estão ameaçadas, todo o resto perde a importância. Tudo perde a importância porque estamos observando uma espécie que poderia ser salva se as pessoas se concentrassem, e se ela se extinguir, isso será nossa culpa porque nós nunca realmente nos esforçamos para salvá-los. Só restaram quinze deles. Nós temos um bom número de francelhos e pombos devido ao nosso empenho, o dinheiro e o pessoal. Os periquitos? Nós estamos nos esforçando muito, muito mesmo para salvá-los, e se não conseguirmos, eles terão desaparecido para sempre, e temos que nos preocupar com os coelhos de outra pessoa.”

Ele balançou a cabeça, e se acalmou.

“Entendam,” ele disse ao Mark. “Você tem razão. O morcego frugívoro de Rodrigues é um animal muito importante, e estamos tentando protegê-lo. Eles perderam muito do seu habitat porque as pessoas de Rodrigues vivem de agricultura de subsistência, o que significa que eles fizeram muito desflorestamento. A população de morcegos está tão pequena que um ciclone grande – e temos eles aqui – poderia acabar com todos. Mas as pessoas de Rodrigues

perceberam que cortar a floresta poderia prejudicá-los, porque isso reduz seu estoque de água. Se eles querem preservar seus suprimentos de água, eles tem que preservar suas florestas, ou seja, os morcegos terão um lugar pra viver. Para os padrões mundiais, eles estão perigosamente ameaçados, mas para os padrões dessas ilhas, onde cada espécie indígena está ameaçada, eles estão indo bem.”

Ele sorriu.

“Querem ver uns ratos ameaçados?”

“Eu não achava que ratos já eram uma espécie ameaçada,” eu disse.

“Eu não falei nada sobre a espécie,” disse Richard. “Eu falei de uns ratos em particular.

Conservação não é para os de estômago fraco. Temos que matar muitos animais, em parte para proteger as espécies ameaçadas, e em parte para alimentá-las. Muitos pássaros se alimentam de ratos, então temos que reproduzi-los aqui.”

Ele desapareceu em uma sala pequena, quente e com muitos chiados, e reapareceu alguns segundos depois, carregando muitos ratos recém-mortos.

“Hora de alimentar os pássaros,” disse ele, enquanto ia em direção à Landrover do inferno.

O melhor e mais rápido caminho para os desfiladeiros de Black River, que é onde vivem os francelhos, é uma estrada privada que passa pelos canaviais de Medine.

Açúcar, do ponto de vista ecológico de Maurícios, é um grande problema. Grandes áreas das florestas de Maurícios foram destruídas para plantar uma planta, que por sua vez, destrói nossos dentes. Isso é sério em qualquer lugar, mas numa ilha é maior ainda, porque a ecologia de ilhas, em sua base, é diferente da ecologia dos continentes. Elas até tem um vocabulário diferente. Quando você passa muito tempo com naturalistas em ilhas, você provavelmente ouvirá duas palavras em particular muitas, muitas vezes: *endêmico* e *exótico*. Três. Se você contar *desastre*.

Uma espécie de animal ou planta “endêmica” é uma que é nativa de uma ilha ou região, e não é encontrada em mais nenhum outro lugar. Uma espécie “exótica” é uma que veio de fora, e um desastre é geralmente o resultado disso.

Esse é o motivo: continentes são grandes. Elas agüentam centenas de milhares, ou até milhões, de espécies diferentes. E cada uma está competindo com a outra pela sobrevivência. A selvageria da competição pela sobrevivência é imensa, ou seja, as espécies que sobrevivem e prosperam são lutadoras bem malvadas. Elas crescem mais rápido, e lançam muito mais sementes.

Uma ilha, por potro lado, é pequena. Há menos espécies, e a competição pela sobrevivência nunca atingiu o ponto da luta pela sobrevivência nos continentes. As espécies são, simplesmente, fortes o suficiente para sobreviverem, a vida é muito mais calma e parada, e a evolução atua num paço muito mais devagar. É por isso que você acha em, por exemplo, Madagáscar animais como os lêmures, que foram derrotadas a eras atrás nos continentes. Os ecossistemas de ilhas são frágeis cápsulas do tempo.

Então, você pode imaginar o que acontece quando uma espécie do continente é introduzida numa ilha. Seria como colocar Al Capone, Genghis Khan e Rupert Murdoch na Ilha de Wight – os habitantes não teriam a menor chance contra eles.

Então, o que acontece em Maurícios, ou em qualquer ilha, é que quando as espécies endêmicas são destruídas por algum motivo, as espécies exóticas avançam e tomam o lugar delas. É difícil para um inglês pensar que algo como ligustro é uma forma de vida exótica e feroz – minha avó tem arbustos de ligustro, muito bem cortados, no seu jardim – mas em Maurícios, elas parecem assaltantes venenosas. E assim se comportavam as goiabeiras e muitos outros invasores estrangeiros, que crescem muito mais rapidamente e produzem muito mais sementes.

Ébano negro vem das florestas de madeira-rija das terras baixas de Maurícios, e foi por isso que os neerlandeses colonizaram a ilha. Não resta quase nada hoje. Os motivos para a

destruição de floresta incluem, incessante derrubada de árvores, para se obter espaço para plantar, e outro motivo: caça de cervos. Le Chasse.

Grandes áreas de floresta foram derrubadas para se fazer parques de caça, onde caçadores ficam em pequenas torres de madeira para atirar nas manadas de cervos que passam por eles. E se a perda original da floresta não fosse ruim o suficiente, os cervos pastam as espécies endêmicas e frágeis, impedindo-as de crescer, enquanto as espécies exóticas prosperam no seu lugar. As jovens árvores de Maurícios são mastigadas até a morte.

Passamos pelos grandes canaviais, depois de negociarmos nossa passagem com o porteiro do canavial, um velho e excêntrico mauriciano chamado James que não deixará ninguém passar pelo seu portão sem uma permissão, mesmo a pessoa que ele deixou passar todos os dias por dez anos, mas que sem querer deixou sua permissão em casa. Ele fez isso com Carl recentemente, que desde então ameaça passar Super Bonder no portão para se vingar, e é bem possível que ele faça isso. Carl é claramente o tipo de pessoa que vai tentar conseguir o maior número de risadas ameaçando fazer algo estranho e engraçado, e depois vai tentar conseguir mais algumas cumprindo a ameaça.

Também houve um confronto mais sério recentemente, quando Carl e Wendy chegaram com um grupo de oficiais do Banco Mundial, com quem estavam negociando um apoio financeiro. James não deixou eles entrarem, dizendo que eles tinham dois carros, e ele só estava autorizado a deixar um deles passar.

James também diz ao Carl e ao Richard os movimentos recentes dos francelhos, não porque eles pediram para ele fazer isso mas porque, por mais que haja evidência do contrário, ele gosta de ajudar. Mesmo que ele não tenha visto nenhum francelho, ele ainda irá, de um modo amigável e encorajador, dizer que viu. Isso quer dizer que, quando Carl tem que trocar as faixas coloridas que os francelhos usam em suas pernas, ele coloca uma faixa com uma cor diferente da anterior, para assim saber se James está mentindo quando diz que viu um francelho com uma faixa que não existe. Os francelhos que estávamos prestes a ver foram treinados para comer ratos em 1985. Eles alimentavam francelhos na natureza com ratos para dar uma melhorada na dieta deles, assim encorajando-as a botar mais ovos. Se os francelhos está bem-alimentado, Carl pode pegar os primeiros ovos desses pássaros sem se preocupar para levá-los até o centro de reprodução, pois eles colocariam mais ovos. Desse modo eles aumentavam o número de ovos que chocavam, mas eles tem um limite de pássaros para chocá-los, então eles tinham de ser incubados artificialmente. Essa é uma técnica altamente delicada e que exige muita habilidade, e requer constante monitoramento das condições dos ovos. Se um ovo está perdendo peso muito rapidamente, através da evaporação do líquido pela casca, então algumas partes da casca são seladas. Se ele não está perdendo peso suficiente, então algumas partes da casca são cuidadosamente lixadas para fazê-la mais porosa. É melhor quando um ovo passa uma semana embaixo de um pássaro de verdade, e as outras três em uma incubadora – ovos que foram trocados dessa maneira têm uma chance muito mais alta de nascer.

Richard bruscamente parou a Landrover na beira da floresta perto do fundo do desfiladeiro e descemos dela. O ar era estimulante e limpo, e Richard passeou pela pequena clareira fazendo estranhos chamados para os pássaros.

Depois de um ou dois minutos, o francelho veio voando a uma alta velocidade da floresta, e depois se empoleirou em uma árvore alta de onde ele podia ver uma grande pedra hemisférica. Como esse pássaro está adaptado para viver na floresta, ele não plana como os falcões, mas ao invés disso, ele pode voar a altas velocidades com precisão sob as copas das árvores, onde ele pega sua comida, lagartixas, pássaros menores e insetos. Para fazer isso, ele depende de sua fantásticamente rápida e precisa visão. Nós o observamos por um tempo, e ele nos observou cuidadosamente. Na verdade, ele observou tudo que se movia, rapidamente olhando para várias direções com constante atenção.

“Percebe como ele se interessa em tudo que vê?” perguntou Richard. “Ele vive pelos olhos, e você tem que se lembrar disso quando os mantém em cativeiro. Você tem que se certificar

que eles tenham um ambiente complexo. Aves de caça são relativamente estúpidas. Mas como elas tem uma visão tão precisa, você tem que ter coisas para ocupá-las visualmente.” “Quando começamos a reproduzir aves de rapina em cativeiro, trouxemos umas aves bem tímidas e quando alguém passava pelo aviário os pássaros ficavam doidos, e achamos que eles deviam estar chateados com o distúrbio, então alguém teve a brilhante idéia de conseguirmos o que chamamos de clarabóia e um aviário separado. Todas as paredes eram opacas, e só o teto era aberto, assim os pássaros não seriam perturbados. Mas o que descobrimos depois foi que tínhamos exagerado. Os filhotes que nasceram lá não tinham senso de direção, porque eles não receberam o estímulo sensorial que precisavam. Nós fizemos tudo errado.”

“Olha, animais talvez não sejam inteligentes, mas eles não são tão estúpidos como alguns seres humanos. Você olha para as áreas dos primatas em zoológicos que são equipadas com árvores de metal verde projetadas por arquitetos que, de um jeito minimalista, reproduz a forma da árvore, mas não incluem nada das coisas que um macaco acharia interessante em uma árvore: folhas, tronco, esse tipo de coisa. Pode parecer uma árvore para um arquiteto, mas arquitetos são muito mais burros que macacos. Nós acabamos de receber esse panfleto dos Estados Unidos sobre isso – árvores de fibra de vidro. O panfleto inteiro foi feito para mostrar como eles estavam orgulhosos do que nos poderiam vender aqui em Maurícios, e nos mostrando as cores de tinta que eles tinham para pintar líquen nas árvores. Tipo, isso é patético, quem são essas pessoas? Ok. Vamos alimentar o pássaro. Tão vendo?”

O pássaro estava observando. É difícil evitar dizer que ele estava observando como um falcão. Ele estava observando como um francelho.

Richard balançou seu braço. A cabeça do francelho seguiu seu movimento com precisão. Com um forte movimento do seu braço, ele jogou o pequeno rato para cima. Por mais ou menos um segundo, o francelho só assistiu, levemente movimentando suas pernas no seu galho enquanto se engajava com cálculos diferenciais monumentais. O rato atingiu o topo de sua parábola íngreme, seu pequeno peso morto se virando lentamente no ar.

Finalmente, o francelho pulou do seu poleiro, e se mergulhou como no fim de um longo pêndulo, o comprimento, posição e velocidade precisos como calculado. O arco executado por ele se cruzou precisamente com o do rato em queda, o francelho pegou o rato asseadamente com suas garras, foi para uma árvore próxima e arrancou sua cabeça.

“Ele mesmo come a cabeça,” disse Richard, “e leva o resto do rato para a fêmea no ninho.” Nós demos mais alguns ratos para o francelho, algumas vezes jogando-os, as vezes deixando ele na pedra hemisférica para ele pegá-los a seu próprio ritmo. Finalmente, o pássaro estava cheio, e fomos embora.

O termo “cheio” na verdade vem da falcoaria. Maioria do vocabulário da falcoaria vem do inglês médio, e zoólogos adotaram muitos termos dele.

Por exemplo, “teeking” descreve o processo no qual o pássaro limpa seu bico da carne depois de comer, esfregando-o num galho. “Mutes” são as trilhas brancas pelas colinas que era onde os pássaros estavam se sentando. Isso é geralmente conhecido como “excrementos de pássaro” é claro, mas na falcoaria eles são chamados de “mutes”. “Rousing” é o ato de balançar suas asas e corpo, o que é geralmente um sinal de que ele está se sentindo muito confortável e relaxado.

Quando você treina uma ave de rapina, você a treina pela fome, usando-a como uma ferramenta para a psicologia do pássaro. Quando o pássaro já comeu demais ele não irá cooperar e ficará incomodado com qualquer tentativa de mandar nele. Ele simplesmente senta no topo de uma árvore e fica aborrecido. Ele está “cheio”. Richard ficou extremamente “cheio” nessa noite, e por uma razão. Não tinha nada a ver com comer demais, mas tinha uma pequena conexão com o que outras pessoas gostavam de comer. Uma amiga dele de Maurícios veio visitá-lo, e trouxe seu chefe, um francês da Ilha de Reunião, uma ilha próxima, que ia passar alguns dias na ilha e estava ficando com ela. Seu nome era Jackes, e todos nós sentimos um desgosto instantâneo por ele, mas nenhum tão forte quanto o de Richard, que o detestou assim que o viu.

Ele era um francês do tipo garboso e arrogante. Ele tinha olhos preguiçosos e arrogantes, um sorriso preguiçoso e arrogante, e como Richard disse, um cérebro preguiçoso, arrogante e terminalmente estúpido.

Jacques entrou na casa e ficou parado parecendo preguiçoso e arrogante. Claramente, ele não sabia exatamente o que deveria estar fazendo nessa casa. Não era uma casa muito elegante. Ele estava cheia de mobília danificada e de segunda mão, e havia fotos de pássaros presas nas paredes por taxinhas. Ele obviamente queria se encostar melancolicamente numa parede, mas ele não encontrou nenhuma parede onde ele estava disposto a se encostar, então ele teve que ficar em pé melancolicamente.

Nós o oferecemos uma cerveja, e ele a aceitou com toda a graça que ele conseguia articular. Ele nos perguntou o que estávamos fazendo aqui, e dissemos que estávamos fazendo um programa para a BBC e escrevendo um livro sobre a vida selvagem de Maurícios.

“Mas por quê?” ele disse, em um tom confuso. “Não tem nada aqui.”

Richard mostrou um admirável controle a princípio. Ele calmamente explicou que alguns dos pássaros mais raros do mundo podiam ser encontrados em Maurícios. Ele explicou que era por isso que ele, Carl e os outros estavam lá: para protegê-los, estudá-los, e reproduzi-los.

Jacques encolheu os ombros e disse que eles não eram realmente interessantes ou especiais.

“Oh?” sussurrou Richard.

“Nada com uma plumagem interessante.”

“Sério?” disse Richard.

“Eu prefiro algo como a cacatua árabe,” disse Jacques com um sorriso preguiçoso.

“Jura.”

“Quanto a mim, eu vivo em Reunião.”

“Jura.”

“Eu tenho certeza que não há pássaros interessantes lá,” disse Jacques.

“Isso é porque os franceses mataram todos,” disse Richard.

Ele sagazmente se virou e foi para a cozinha para lavar a louça, fazendo muito, muito barulho. Ele voltou somente depois que Jacques tinha ido embora. Ele entrou na sala silenciosamente, carregando uma garrafa fechada de rum e se jogou num sofá velho no canto da sala.

“Mais ou menos cinco anos atrás,” ele disse, “nós pegamos vinte dos pombos cor-de-rosa que nasceram no centro e soltamos eles. Eu estimo, levando em conta o tempo, trabalho e recursos que investimos neles, que cada pássaro custou três mil e trezentos reais. Mas esse não é o problema. O problema é manter a singela vida dessa ilha. Em pouco tempo todos esses pássaros que criamos estavam em cassarolas. Não consegui acreditar. Nós simplesmente não conseguíamos acreditar.

“Vocês entendem o que está acontecendo nessa ilha? Está uma bagunça. Está em ruínas. Nos anos cinquenta ela estava cheia de DDT que conseguiu se infiltrar na cadeia alimentar. Isso matou muitos animais. Depois a ilha foi atingida por um ciclone. Bem, não podemos fazer nada contra isso, mas ele atingiu uma ilha que já estava seriamente enfraquecida pelo DDT e pela derrubada de árvores, então ele causou danos irreparáveis. Agora com a constante derrubada e queima da floresta só resta dez por cento, e eles estão derrubando isso para caça de cervos. O que resta das singelas espécies de Maurícios está sendo substituída por coisas que você pode achar em todos os lugares do mundo – ligustros, goiabeiras, toda essa merda.

“Olhem isso.”

Ele nos deu a garrafa. Era um rum fermentado localmente chamado Green Island.

“Leia o que está escrito na garrafa.”

Embaixo de um romântico desenho de um velho barco a vela se aproximando de uma idílica ilha tropical havia uma frase de Mark Twain, que dizia, “Você tem a idéia de que Maurícios foi feita primeiro e depois o Céu; e que o Céu é uma cópia de Maurícios.”

“Isso foi a menos de cem anos atrás,” disse Richard. “Desde então praticamente tudo que não deveria ser feito a uma ilha foi feito em Maurícios. Exceto, talvez, testes nucleares.”

Há uma ilha no Oceano Índico, perto de Maurícios, que está milagrosamente intacta, e ela se chama Round Island. De fato, isso não é um milagre, há uma razão muito simples para isso, que descobrimos quando falamos com Richard e Carl sobre irmos para lá.

“Vocês não podem,” disse Carl. “Bem, vocês podem tentar, mas eu duvido que vocês consigam chegar lá.”

“Por que não?”

“Ondas. Sabe, o mar,” disse Carl. “É desse jeito.” Ele fez grandes movimentos ondulatórios com os braços.

“É extremamente difícil chegar nela,” disse Richard. “Não tem praias ou portos. Você só pode chegar lá em dias muito calmos, e mesmo assim você tem que pular do barco para a ilha. É bem perigoso. Você tem que julgar a distância muito bem ou você vai ser jogado contra as rochas. Nós não perdemos ninguém ainda, mas...”

Eles quase me perderam.

Nós pegamos carona num barco com naturalistas indo para Round Island, ancoramos a uns noventa metros da costa rochosa e atravessamos a distância em um bote até chegarmos ao melhor que Round Island tem para oferecer como ponto de pouso – um afloramento escorregadio chamado Pigeon House Rock.

Alguns homens em roupas de mergulho pularam primeiro do bote em direção ao perigoso mar, nadaram até a rocha, escalaram com dificuldade o lado dela e finalmente rastejaram, ofegantes até o topo.

Em seguida todos fizeram a viagem pelo bote, três ou quatro de cada vez. Para chegar lá, você tinha que fazer o traçozeiro pulo até a rocha, ao mesmo tempo que as ondas chegavam no topo da rocha, e pulando apenas um instante antes da onda chegar até a altura máxima, assim o barco te daria impulso. Aqueles que já estavam na rocha estariam puxando a corda do bote, gritando instruções e incentivos através das ondas, e depois pegando e levantando as pessoas enquanto elas pulavam.

Eu seria o último a pular.

Quando chegou minha vez o marulho do mar estava ficando mais pesado e forte, e me sugeriram que eu pulasse no outro lado da rocha, que era mais íngreme, mas aparentemente menos escorregadio com alga.

Eu tentei. Eu pulei da beira do instável barco, investi em direção a rocha, e achei-a tão escorregadia quanto a do outro lado, meramente mais íngreme, e escorreguei desengonçadamente em direção ao mar, arranhando meus braços e pernas nas pedras pontudas. O mar se fechou sobre minha cabeça. Eu lutei sob a superfície tentando desesperadamente voltar à superfície, mas o bote estava diretamente em cima de mim, e continuava me esmagando contra a rocha sempre que eu tentava chegar à superfície. Ok, eu pensei, eu entendi. É por isso que a ilha está relativamente intacta. Eu avancei mais uma vez para cima, bem na hora que aqueles que já estavam na costa conseguiram empurrar o barco para longe de mim. Isso possibilitou que colocasse minha cabeça na superfície e me agarrasse a uma rachadura na rocha. Depois de escorregar, deslizar e lutar muito contra o forte marulho eu finalmente conseguir me manobrar perto o suficiente de Mark e dos outros, que me levantaram rapidamente. Eu me encolhi em uma massa confusa e ensanguentada, protestando que eu estava bem e tudo o que eu precisava era de um lugar quieto que eu pudesse ir para morrer, e que tudo ficaria bem.

O mar estava crescendo e ficando mais forte durante as duas ou três horas que nos levou para chegarmos a ilha e parecia que meu estômago estava tentando vomitar no mar algo cujo peso se assemelhava ao do meu corpo inteiro, então, a esse ponto eu estava me sentindo bem tonto e cansado e meu dia em Round Island passou como um clarão. Enquanto Mark foi com Wendy Strahm, a botânica, procurar algumas das espécies de plantas e animais que existem somente nessa ilha, eu me sentei no sob o Sol perto de uma palmeira chamada Beverly e me senti confuso e tive pena de mim mesmo.

Eu sabia que a árvore se chamava Beverly porque Wendy me disse que ela a batizou com esse nome. Era uma Bottle Palm, chamada desse jeito porque ela se parece com uma garrafa de Chianti, e era uma das oito que restam em Round Island, as únicas oito dessa espécie ainda selvagens no mundo. Quem é a pessoa, eu me perguntei, enquanto me sentava perto de Beverly num tipo de companheirismo mal-humorado, que nomeia as ilhas?

Entendam, aqui está uma das ilhas mais impressionantes no mundo. Ela parecia, como se a própria Lua estivesse vindo do mar – só que onde a Lua estaria parada e fria, isso estava quente e cheio de vida. Apesar de parecer empoeirado e estéril a primeira vista, as crateras que enchem a superfície estavam cheias de estonteantes rabos-de-palha-de-bico-laranja, brilhantes scincidaes de Telfair, e gecos de Guenther.

É de se esperar que se você tivesse que inventar um nome para uma ilha como essa você convidaria alguns amigos, pegariam um pouco de vinho e passariam uma tarde pensando nisso. Você não diria, oh, é um pouco redonda, vamos chamá-la “Round Island”¹. E acima de tudo, ela nem é realmente redonda. Há uma ilha bem visível no horizonte, que era muito mais redonda, mas que é chamada de Serpent Island², supostamente para honrar o fato que, diferentemente de Round Island, ela não tem serpentes. E havia mais uma ilha que eu podia ver que descia uniformemente de um pico em um dos lados da montanha até o mar do outro lado, e que, inexplicavelmente, era chamada de Flat Island³. Eu comecei a perceber que quem nomeou essas ilhas provavelmente passou uma tarde pensando nelas.

Round Island continua um refúgio para singelas espécies de scincidaes, geconídeos, boidaes, palmeiras e até gramas que já desapareceram a muito tempo de Maurícius, mas isso não se deve somente ao fato de ser difícil para o homem chegar aqui, o outro motivo é que se provou impossível para os ratos chegarem aqui. Round Island é uma das maiores ilhas tropicais no planeta (um pouco acima de trezentos acres) que não tem ratos.

Não que Round Island esteja intacta – longe disso. Há cento e cinqüenta anos, antes dos marinheiros terem introduzidos bodes e coelhos, ela estava coberta por madeira de lei, que os animais destruíram. É por isso que a uma certa distância para o olho não treinado, como o meu, a ilha parece ser estéril a primeira vista. Somente um naturalista seria capaz de te dizer que as poucas palmeiras de formatos estranhos e tufo de grama que pontilhavam a terra quente, seca e poeirenta eram únicos e inestimáveis.



Preciosos para quem? E por quê?

Será que realmente importa para alguém além de um bando de naturalistas que as oito bottle palms em Round Island são as únicas que podem ser encontradas na natureza em todo o planeta? Ou que a *Hyophorbe amarfcaulis* (uma palmeira tão rara que só tem nome científico) que se encontra no Jardim Botânico Curepipe em Maurícius é a única do seu tipo existente?(A árvore foi descoberta ao acaso quando o lugar onde ela se encontra estava sendo desflorestado para construir o Jardim Botânico. Ela estava prestes a ser cortada.)

Não existe uma “ilha paraíso tropical” que eu conheça que remotamente se encaixe na fantasia que essa frase deveria conjurar, ou mesmo no que esteja nos panfletos de férias. É natural encaixar isso como uma discrepância a qual estamos todos acostumados a encontrar no que o anunciante promete e o que o mundo real entrega.

Então pode ser um choque descobrir que o mundo que ouvimos descrito por viajantes dos séculos passados (ou décadas passadas) e biólogos de hoje de fato existiu. O estado em que ele se encontra hoje é somente o resultado do que fizemos a ele, e a fraqueza do desapontamento que sentimos quando chegamos a algum lugar e achamos ele um pouco esfarrapado é somente prova do quanto nossas expectativas se degradaram e o quão pouco

¹ Tradução livre de Round Island: Ilha Redonda.

² Tradução livre de Serpent Island: Ilha das Serpentes.

³ Tradução livre de Flat Island: Ilha Plana.

entendemos que perdemos. As pessoas que entendem o quanto perdemos são aquelas que estão correndo num frenesi tentando salvar os pedacinhos que restam.

O sistema de vida nesse planeta é tão complexo que demorou muito tempo para o homem perceber que isso era realmente um sistema e que não era algo que estava lá por acaso. Para entender como algo complexo funciona, ou para descobrir que há algo complexo acontecendo, o homem tem que ver pedacinho por pedacinho. E é por isso que as ilhas pequenas são tão importantes para o nosso entendimento da vida. Nas Ilhas Galápagos, por exemplo, animais e plantas que compartilhavam os mesmos ancestrais começaram a mudar e se adaptar de formas diferentes quando ficaram divididas por apenas alguns quilômetros de água. As ilhas elegantemente separaram os componentes do processo para nós, e foi então que Charles Darwin foi capaz de fazer observações que o levaram diretamente à idéia da Evolução.

As ilhas de Maurícius nos deram uma lição igualmente importante porém mais sombria – extinção.

O mais famoso animal de Maurícius é um grande e gentil pombo. Um pombo excepcionalmente grande, de fato: seu peso é muito perto do de um peru bem alimentado. Suas asas há muito desistiram da idéia de levantar um gordinho como esse e se tornaram cotocos decorativos. Uma vez que desistiu de voar ele pode se adaptar facilmente às estações de Maurícius, e se empanturrar no final do verão e do outono, que é quando as frutas estão em grande quantidade no solo, e depois se sustentar com suas reservas de gordura, gradualmente perdendo peso, durante os meses mais escassos e secos.

De qualquer forma, ele não precisa voar, já que não havia predadores que lhes queriam causar mal e ele, por sua vez, é completamente inofensivo. De fato, essa idéia de maldade é algo que ele nunca aprendeu a entender, então se você visse um desses na praia seria bem provável que ele chegasse bem perto de você para dar uma olhada, levando em conta que ele conseguisse encontrar um caminho pelo exército de tartarugas gigantes que passeavam pela praia. Nunca houve motivo para os humanos matarem eles porque sua carne é dura e amarga. Ele tem um bico verde e amarelo, grande, largo e para baixo, o que lhe dá uma aparência relativamente triste e melancólica, olhos pequenos e redondos como diamantes, e três plumas ridiculamente pequenas saindo da sua cauda. Um dos primeiros ingleses a ver um desses grandes pombos disse que “pelo formato e raridade ele pode antagonizar a fênix da Arábia”. Nenhum de nós jamais verá esse pássaro, porque, infelizmente, o último deles foi espancado até a morte por colonos alemães, mais ou menos em 1680.

As tartarugas gigantes foram devoradas até a extinção porque os antigos marinheiros as consideravam o mesmo que hoje consideramos comida enlatada. Eles simplesmente pegavam-nas da praia e as colocavam nos depósitos do seu barco, e depois, se sentissem fome eles iriam para o compartimento, levavam uma delas pra cima, matavam-na e comiam-na.

Mas o grande e gentil pombo – o dodô – foi espancado até a morte só por diversão. E é isso que dá mais fama a Maurícius: a extinção do dodô.

Houveram extinções anteriormente, mas esse era um animal particularmente extraordinário, e ele só existia na naturalmente limitada área de Maurícius. Muito clara e obviamente, não havia mais nenhum deles. E como somente dodôs podiam fazer um novo dodô, nunca mais haveria mais um deles. Os fatos foram clara e duramente delineados para nós pelos limites das ilhas. Até aquele momento os humanos nunca tinham entendido que um animal podia simplesmente deixar de existir. Era como se não tivéssemos percebido que se matássemos algo, ele simplesmente não estará mais lá. Nunca mais. Como resultado da extinção do dodô estamos mais tristes e sábios.

Nós finalmente chegamos em Rodrigues, uma pequena ilha dependente de Maurícius, para procurar pelo morcego frugívoro mais raro do mundo, mas primeiro fomos olhar algo que

Wendy Strahm queria muito nos mostrar – tanto que ela mudou seu horário de visita de Rodrigues para nos mostrar ela mesma.

Do lado de uma quente e empoeirada estrada havia uma pequena e espessa árvore que parecia ter sido posta num campo de concentração.

Essa planta era um tipo de café selvagem chamado de *Ramus mania*, e acreditava-se que essa espécie estava extinta. Então, em 1981, um professor de Maurícius chamado de Raymond Aquis estava ensinando em uma escola em Rodrigues e deu a sua turma fotos de mais ou menos dez plantas que acreditava-se que estavam extintas em Maurícius.

Uma das crianças levantou a mão e disse “Com licença, senhor, nós temos uma dessa no nosso quintal.”

A início era difícil de acreditar, mas eles pegaram um galho dela e o enviaram para Kew onde ela foi identificada. Era café selvagem.

A planta estava do lado da estrada, do lado do tráfego e em considerável perigo porque qualquer planta em Rodrigues é considerada candidata a lenha. Então eles colocaram uma cerca ao redor dela para evitar que ela fosse cortada.

Imediatamente eles fizeram isso, porém, as pessoas começaram a pensar, “Aha, essa é uma planta especial,” e eles começaram a escalar a cerca e pegar pequenos galhos e folhas e pedaços do tronco. Como a árvore era especial, todos queriam um pedaço dela e começaram a atribuir propriedades extraordinárias a ela – ela curaria ressaca e gonorréia. Como pouca coisa acontece em Maurícius fora entretenimentos familiares ela rapidamente virou uma planta muito desejada e procurada, e ela estava rapidamente morrendo com seus pedaços sendo cortados.

A primeira cerca foi rapidamente considerada inútil e uma cerca de arame farpado foi erguida ao redor dessa. Depois outra cerca de arame farpado teve de ser erguida ao redor da primeira cerca de arame farpado, e depois uma terceira teve de ser colocada ao redor da segunda até que tudo isso cobrisse meio acre. Então eles colocaram um guarda para guardar a planta também.

Com pedaços dessa planta os Jardins Botânicos Reais de Kew estão tentando plantar e cultivar duas novas plantas, na esperança de que seja possível reintroduzi-las à natureza. Até que eles consigam, essa planta que se encontra dentro de sua barricada de arame farpado será a única representante de sua espécie no planeta, e ela continuará precisando da proteção de todos que estão dispostos a matá-la para conseguir um pequeno pedaço. É fácil pensar que um dos resultados da extinção do dodô é que agora estamos mais tristes e mais sábios, mas há muito evidência que sugere que estamos meramente mais tristes e mais bem informados.

Durante o anoitecer naquele dia nós ficamos ao lado de outra estrada, que nos disseram que dela teríamos uma boa visão, e assistimos enquanto os morcegos frugívoros mais raros do mundo saiam de seus ninhos na floresta e voavam pelo céu que escurecia para fazer sua procura noturna entre as árvores frutíferas.

Os morcegos estão bem. Há centena deles.

Eu tenho um péssimo pressentimento que estamos em apuros.

Agradecimentos:

Agradeço ao Sr. Matheus por me dizer que o animal “kestrel” se chama “francelho”, e que “echo parakeet” se chama “periquito dos Maurícios”. Eu estava há muito tentando descobrir isso, obrigado.